

O REI MENINO

Ah, minha amiga Boemia, por hoje não lhe posso mentir. Se bem que não sei quando lhe fui exatamente sincero. Mas hoje não irei nem por um punhado de tempo qualquer dissimular minhas razões e intenções. Se em alguma (ou na maior parte) dessas noites não lhe fui confiável, hoje gostaria de poupar-te de minhas astutas bravatas. A verdade começará já nas minhas primeiras mal traçadas linhas. Hoje não usarei bordões nem frases feitas. Não farei brindes às alegrias imaginadas. Hoje o tom será de despedida. Refleti muito, escolhi as palavras mais eufêmicas e pensei em começar o nosso tête-à-tête assim: “Boemia, amiga minha, hoje me despeço, eis chegada a indesejada hora do fim. Nossos caminhos se desviam, meu norte agora é outro. Minha caravela precisa ancorar em portos mais descabidos”. Sem embargo, sinto que falharia. Não me sinto capaz de abandoná-la. Suplicante te pediria a minha carta de demissão, a qual sei que se não fosse por razões assaz convincentes não me a outorgaria. Por isso clareei bem os meus botões antes de dirigir-me até aqui. Refiz meus pensamentos, apaguei as frases de meu discurso pré-elaborado, o que por outro lado não implica em uma firme decisão. Estou confuso, e te peço ao menos bons ouvidos para este descarrilado coração. Amiga das horas mais derradeiras, do sol nascente em mesa de botequim, da boa cachaça mineira que desce ardente e deixa os olhos vermelhos de fogo, mas outras vezes também vermelhos de lágrimas. Queria deixar minha despedida, me torno hoje um homem direito, não vejo outra maneira. Tantas soluções

encontramos juntos, ainda daria tempo para mais umazinha ao apagar das luzes? O tempo passa, o dia urge e contigo sempre vareei noite adentro. Contigo e com os amigos. Na mesa de bar mais aprendi do que as ideias por si só poderiam ensinar. O coletivo sempre se torna maior que a soma de suas partes individuais. Olho o meu violão tão desgastado, com o corpo arranhado e com a prima querendo arrebentar. Meus companheiros sempre pedindo as mesmas velhas modinhas, para que todos possam cantar. E eu com ar galhofeiro sigo gritando "hoje é dia de Bossa!". Eu sempre gostei de tocar as canções mais obscuras, sabe? Talvez fosse uma forma de me fazer ouvir. Piadas ou causos nunca soube contar bem, mas sempre tive boas tiradas. Era como se eu ficasse bem quietinho aguardando o meu momento de arrematar a conversa. Por isso talvez achei que fosse bom de conclusões. Mas amiga, por que será que nossa história de vida juntos é tão difícil de encerrar? Sim companheira, das noites sorrateiras e do copo sempre cheio, das mesas repletas e volúveis de juvenzinhas que escutam a nossa porca sabedoria com um sorriso de admiração, sem saber que no fundo é uma tristeza contida que usamos como a nossa única forma de consolação. E de flerte. Boemia, amiga minha, essa noite tem que ser perfeita. Se é pra fazer que se faça direito! Já pedi meu uisquinho (sem gelo), já escrevi no guardanapo os primeiros versos que martelam em minha cabeça. Eles dizem que a noite é traiçoeira como uma mulher que de tanta beleza nos leva pra novos ares, novos mundos e fronteiras, mas que não nos espera no aeroporto. Eu que sempre fui tão presente, seu freqüentador mais assíduo, seu admirador mais honesto, seu poeta mais

cafajeste, apesar disso tudo terei que te abandonar. É que apareceu uma menina, talvez A menina, aquela que pensei em por ela a minha vida mudar. “Se você jurar que me tem amor...”, lembra? Ter filhos, morar num sítio e todas essas coisas que a gente idealiza numa felicidade enlatada como a sardinha dos nossos tira-gostos. Quantas vezes eu falei dela, aqui mesmo, sentado nessas mesas brancas de ferro artisticamente enferrujado? Ou então, enchi os ouvidos da rapaziada e ouvi tantos conselhos de como a conquistar e sobre a forma de não ser muito incisivo para não perdê-la? Agora é uma ou outra. E você sabe como é difícil fazer escolhas quando as opções são verdadeiramente cruéis ou inúteis. *Dilemma*, diriam os gregos, para mais tarde serem copiados, sem citação, pelos romanos de toga. É como decidir entre ficar na mesa papeando ou ir para fora do toldo fumar. Malditas leis dos homens, malditas leis de Deus! Sei que quem vê de fora não entende essa nossa tão íntima ligação. Aqui me criei como homem, e como homem preciso trocar de padrão. Ela está grávida, companheira. Você não imagina a alegria que tive quando ela meio encabulada e sem saber o que esperar da nova etapa da vida que se iniciava, me contou aquelas cinco palavras meio que murmurando: “você vai ser pai, amor”. Antes as cinco palavras que quando eu escutava mais me emocionavam era quando um parceiro gritava “Solta uma loira bem gelada!” ou “o Botafogo foi campeão, porra!”. Minha velha, de tantos risos e lamúrias compartilhadas, não sei se choro ou se puxo um brinde coletivo neste recinto. Já vejo o Maneco puxando o coro de parabéns pro papai. Teco, teleco, telecoteco... Ao mesmo tempo não sei se toco um samba novo em homenagem ao meu

pivete que vem por aí. Acho que a emoção não me permitiria acertar os mais básicos acordes, quem dirá tocar aquela música do João Gilberto que acho perfeita para a ocasião. Sou levado a crer que deveria apenas ficar contemplando os semblantes das outras pessoas sentadas às mesas, que assim como eu, têm como único carrasco o garçom com a dolorosa já em punhos, ao qual sempre temos que convencer que esta é de verdade a definitiva última saideira. Me lembrei agora o quanto me dá alegria conhecê-los pelos nomes e o quanto me sinto benquisto quando sento e não preciso gritar qual a bebida que me apetece. Agora isto não passará de uma velha lembrança, companheira. Os clientes nunca param de chegar, e como quem não é visto não é lembrado, em breve eu também serei apenas um cara que frequentava este lugar. Talvez um ou outro pergunte por mim no início, mas depois será só por educação, até o dia em que ninguém se lembrará do barrigudo que sempre sentava na cabeceira, pois não gostava de ficar de costas para a rua. E por fim arrancarão o meu retrato que ficava colado no corredor a caminho do banheiro. Que saudades do tempo em que o meu maior problema existencial era achar um bar aberto às segundas-feiras. Agora sinto que tenho que ir. A utopia se torna realidade, e muitas vezes contra nossa vontade. Não imaginamos ao certo as suas implicações, por isso sonhamos igualzinho ao viajante que quer à sua terra natal voltar, mas sabe que não há motivos nem condições. E que então apenas suspira uma reclamação qualquer, enquanto desvira a sua mirada para oeste. O seu tempo passou. E o meu, seja sincera minha amiga, quanto me resta em sua companhia? É como se eu soubesse que uma revolução se aproxima, “el

pueblo pide sangre...”. Minha vida tem que mudar. Enquanto outros estarão aqui comentando a saia curta da loira do próximo que deixa a calcinha meio que a aparecer, eu estarei lá, em casa, cantando daquelas velhas cantigas, porém adaptadas para criança ninar. Terei que inventar umas histórias legais. Acho que vou escrever um livro infantil. Tava pensando em contar a história da infância de Pedro II. Chamaria o livro de “O Rei Menino”. Acho que o garoto iria gostar. Mas e tu amiga, como posso te abandonar? Não quero, me nego, mas não vejo outra saída. Minhas noites continuarão mal dormidas. Mas agora por choro de neném. Acho que pra sempre te lembrarei como as noites mais dias da minha vida. Um dia o pivete voltará para assumir meu lugar. Sabes que filho de boêmio, boemiozinho há de ser. Só me faça um último favor em consideração a todos esses anos, o receba de braços abertos, pois serei eu que de alguma forma estarei a te visitar.